

# SARTRE E O ATEÍSMO: DEBATE SOBRE O CONCEITO DE ASSEIDADE

Cristiano Perius<sup>1</sup>

## Resumo:

Embora o ateísmo de Jean-Paul Sartre seja declarado sem reservas, convém justificá-lo de forma a compreender seus argumentos. Sobre o que ele se funda? De que tipo de ateísmo se trata? O que ele quer nos transmitir? Para responder a estas perguntas, tomaremos como baliza o debate entre Sartre e Gabriel Marcel. A questão de fundo tematiza o conceito de “asseidade”. Proveniente do latim escolástico, “*aseitas*” é a composição subjetivada de “*ens a se*”, “ser para si”. Para Sartre, o homem representa o ser para si, pois, dotado de consciência, deve assumir a nadificação e criar valores essenciais à existência. Para Gabriel Marcel, no entanto, assim como para a tradição escolástica, só Deus é ser para si, e não convém ao homem tomar para si o que é d’Ele. A partir da diferença de compreensão deste conceito encontramos a defesa do ateísmo, por parte de Sartre, e a defesa da fé e da religião como forma de conexão com o absoluto, por parte de Gabriel Marcel. Depois de bem estabelecer os pontos do debate, fica claro o partido de Sartre, pois não se trata da existência ou não de Deus, mas do homem em sua indeterminação e drama constitutivo.

**Palavras-chave:** Sartre; Gabriel Marcel; Ateísmo; Asseidade.

# SARTRE AND ATHEISM: DEBATE ABOUT THE CONCEPT OF ASEITY

341

## Abstract:

Although Jean-Paul Sartre's atheism is declared, it is important understand his arguments. What is Sartre's atheism based on? What type of atheism is this? To answer to these questions, we will take the debate between Sartre and Gabriel Marcel as a guide. The basic question analyzes the concept of “*aseity*”. Coming from Scholastic Latin, “*aseitas*” is the subjective composition of “*ens a se*”, “*being for itself*”. For Sartre, the human represents the being for itself, because, endowed with consciousness, he must assume the negativity and create values essential to existence. For Gabriel Marcel, however, as in the scholastic tradition, only God is being for himself, and it is not reasonable for the human to take for himself what belongs to God. From the difference in understanding of this concept we find the defense of atheism, on the part of Sartre, and the defense of faith and religion as a form of connection with the absolute, on the part of Gabriel Marcel. After well establishing the points of the debate, we take Sartre's side, because it is not a question of the existence of God, but of human in his indeterminacy and constitutive drama.

**Keywords:** Sartre; Grabriel Marcel; Atheism; Aseity.

Não é surpresa declarar o ateísmo de Jean-Paul Sartre. Permanece viável, contudo, qualificar esta questão. Sobre o que se funda o ateísmo de Sartre? De que tipo de ateísmo se trata? O que

---

<sup>1</sup> Professor do Departamento de Filosofia da UEM, Cristiano Perius possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (1997), mestrado em Filosofia pela Universidade de São Paulo (2002), doutorado em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos (2005), estágio de pesquisa na França e pós-doutorado pela Universidade de São Paulo (2007) e pela Universidade Federal de Santa Catarina (2017). E-mail: [cristianoperius@hotmail.com](mailto:cristianoperius@hotmail.com), <http://orcid.org/0000-0003-3740-2225>

ele quer nos transmitir?

Para responder a estas perguntas, vamos tomar um caminho comparativo entre as afirmações de Sartre e de Gabriel Marcel. Sartre representa o existencialismo ateu. Gabriel Marcel, o existencialismo cristão. O resultado deste confronto é esclarecedor, pois, apesar de integrantes da mesma escola de pensamento, defendem posições adversas. Segundo Gabriel Marcel, o ateísmo é irracional. Segundo Sartre, a idéia de Deus representa a alienação do ser para si. Nas páginas que seguem, vamos examinar esta questão de forma a apresentar os argumentos de Sartre.

É certo que o debate sobre o ateísmo se insere em uma longa tradição. Em linhas gerais, é importante lembrar a distinção kantiana entre o *intellectus ectypus* – caracterizado pelo entendimento de objetos a partir do conhecimento sensível - e o *intellectus archetypus*, caracterizado pelo conhecimento intuitivo, isto é, criador de objetos no momento de pensá-los. O entendimento divino é ilimitado e capaz de apreender os objetos imediatamente, sem a necessidade de recorrer ao acordo entre sensibilidade e entendimento. Isso quer dizer que a inteligência humana é diferente da inteligência divina, cujo pensar é plasmador do mundo - segundo o livro do Gênesis. Lê-se ali o “*Fiat lux*” [“Faça-se luz”] conferido pelo “*ens realissimum*” [o “ser real”] a partir do qual todos os seres foram criados por obra de sua vontade. Fazendo o mundo do nada, Deus é causador de si mesmo e de tudo o que existe. É o ser necessário, revelado e perfeito, à sua imagem todas as criaturas aparecem em relação de superveniência. Ora, a existência de Deus como *intellectus archetipus*, *ens realissimun* e autoral do *Fiat mundus* é negada por Sartre, representante do existencialismo ateu, e, por essa razão, se contrapõe à tradição fideísta.

Entre os principais atores no debate sobre o ateísmo, que exigiria uma série de nomes, aparece Gabriel Marcel, representante do existencialismo cristão. Ao considerar a posição de Gabriel Marcel, estamos tomando um atalho, pois o núcleo das teses de Sartre, que aparece neste confronto específico, permite um ganho de qualidade e de economia no conjunto de conceitos envolvidos sobre o tema do ateísmo.

Quais são as objeções de Gabriel Marcel a Sartre? Em “*Les hommes contre l’humain*”, Gabriel Marcel afirma que o erro de Sartre consiste em atacar a confiança em um ser transcendente - que nos salva das técnicas de aviltamento, da injustiça e do *non-sens*. Para Sartre, ao contrário, a confiança em Deus representa a ação de alienar a realidade humana através da mediação divina. Essa possibilidade é uma alternativa que considera os valores independentes da subjetividade, dissimulando a responsabilidade humana. Mais ainda, é uma vergonhosa saída

de cena, atribuindo a um ente, fora do tempo e fora do mundo, o juízo sobre a existência. Em “*O que é a literatura?*”, Sartre afirma que este tipo de fuga é característica do “espírito de seriedade” (*esprit de sérieux*) como forma de segurança a todo aquele que leva a sério os meios para a obtenção dos fins. A submissão religiosa é visada como meio para obter a salvação. Como aponta Franklin Leopoldo e Silva, o burguês é o representante mais fiel do espírito de seriedade:

O burguês é um empreendedor e como tal é alguém que se preocupa exclusivamente com os meios, pois a sua atividade consiste sobretudo em intermediar a passagem da mercadoria do produtor ao consumidor. Ele mesmo não produz, mas detém o controle dos meios de produção. É levado naturalmente a supervalorizar os meios, pois ele mesmo se vê como um meio e vê a todos os homens como meios. (LEOPOLDO E SILVA, 2004, p. 207)

Trata-se de uma lógica inteiramente comprometida com a idéia de mediação, uma vez que a sociedade de produção lhe garante os meios de realização material, um quadro de valores formais lhe garante os meios de realização moral e a religião lhe garante os meios de salvação espiritual. Em nenhum momento ele se percebe como fim em si mesmo, isto é, responsável pela criação de valores para si. Ao contrário, procura numa régua, carta ou lista pré-determinada, as normas que lhe permitem fugir da angústia e ficar tranqüilo. Segundo Sartre, o espírito de seriedade é um espírito covarde, pois delega a outrem o que compete atribuir a si e por si, a saber, o reino dos valores. Ora, é justamente a ausência de Deus que exige do homem a criação de valores a partir dos quais ele se torna responsável por si e pela natureza. O homem está só diante do mundo. Sem Deus, não depende senão de si mesmo para se alçar a valores essenciais e necessários à dignidade perante si e seus semelhantes.

Ao atribuir a si mesmo o que compete a Deus, Gabriel Marcel ocupa o lugar diametralmente oposto ao de Sartre, pois considera “misosofia” (aversão a sabedoria) a recusa da mediação divina. Examinemos como Gabriel Marcel apresenta este conceito:

Uma civilização em que se pode dizer que toda possibilidade de contemplação é recusada caminha inevitavelmente para uma filosofia que seria melhor qualificar de *misosofia* [aversão à sabedoria]. (...) Sartre não hesita em atacar o que ele chama de espírito de seriedade. Ora, a sabedoria, a menos que se reduza a qualquer tipo de palhaçada risível [*pitresque ricanante*], implica justamente o espírito de seriedade. (MARCEL, 1951, p. 48)

Gabriel Marcel julga que a contemplação divina é uma mediação necessária para a elevação do homem e considera “palhaçada risível” a alternativa de acreditar que pode fazer algo sem Ele. O espírito de seriedade é a forma correta de colocar o homem em seu lugar, a saber, sob a tutela de um ser maior. Em outras palavras, a verdadeira sabedoria é a que se coloca “seriamente” diante de Deus, isto é, na condição de *servus humilis* [servo humilde]. Em latim, a palavra homem vem do étimo *homo* que está relacionado ao húmus (chão, solo, terra, em oposição aos

deuses celestes) e recomenda a *humilītas* (humildade), razão para aceitar a sua pequenez, a condição baixa e humilhante. Há uma relação de continuidade semântica entre as palavras “homem, húmus, humilde e humilhante” (MARTIN, 1976, p. 108). Está claro que, para Gabriel Marcel, só pode ser uma brincadeira ridícula a ideia de competir contra Deus. Humilde, o homem deve aceitar as suas limitações e assumir a paternidade divina:

A partir do momento em que o próprio homem nega que é um ser criado, um duplo perigo o espreita. De uma parte ele será conduzido – e é exatamente isso que constatamos no existencialismo de Sartre – a outorgar a si mesmo uma espécie de *asseidade* [aséité] caricatural, quer dizer, ao se considerar como um ser responsável por si mesmo e que nada mais é senão o que faz de si mesmo, visto que não há ninguém que possa satisfazê-lo, nem mesmo haverá um dom que lhe possa ser feito, pois tal ser se apresenta profundamente inapto a receber. De outro ponto de vista, mas a este ligado, o homem será levado a se reconhecer como uma espécie de resíduo de um cosmos que é, aliás, impensável como tal, de sorte que o veremos ao mesmo tempo, e pelas mesmas razões, exaltar-se e depreciar-se desmesuradamente. (MARCEL, 1951, p. 49)

Esta afirmação de Gabriel Marcel se dirige diretamente contra Sartre. Gabriel Marcel o acusa de subverter o sentido clássico do conceito de “asseidade” (em francês “*aséité*”). Proveniente do latim escolástico, “*aseitas*” significa “*ens a se*”, isto é, ser para si, pois “*causa sui*” (causa de si), uma vez possui em si mesmo o princípio de sua existência. Criador de si, incondicionado e eterno, ele é autônomo e independente. Absoluta liberdade, sua vontade é soberana, perfeita, sem mácula. Não será necessário repetir aqui as propriedades de um Deus onipotente, onisciente e onipresente. Importa registrar a ipseidade circular e auto-fundante de um ser criador de si mesmo e eternamente existente.

A segunda parte da citação também é eloquente. Gabriel Marcel menciona o universo astral de um espaço cósmico que, em sua imensa grandeza, dá ao espaço-tempo do homem uma posição desprezível, insignificante e quase imperceptível. Impensável resíduo de um sistema sideral cujo habitat, planeta Terra, não é o centro, não é grande em relação ao sol, não é nada (ou quase nada). É neste momento que reverbera a famosa abertura de Nietzsche, em “*Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral*”, onde se lê: “Em algum remoto rincão do Universo havia uma vez um planeta em que animais inteligentes inventaram o conhecimento. Foi o minuto mais soberbo e mentiroso da história universal: mas foi somente um minuto.” (NIETZSCHE, 1983, p.45) O que devemos concluir do contraponto entre a ironia de Nietzsche e a citação de Gabriel Marcel - que considera o nosso lugar na cosmografia universal semelhante a um grão de pó em comparação com o espaço sideral? De fato, em termos absolutos, só Deus nos salva desta incrível pretensão de saber. É aqui que se encontra a “palhaçada risível” e a miso-sofia da

técnica humana<sup>2</sup>, isto é, o saber ridículo, o pseudo-saber ou o anti-saber do homem, sempre que for comparado ao saber divino. Entregue ao seu próprio saber, que é relativo, o homem nunca terá salvação ou remédio, pois ele não pode, por si mesmo, elevar-se ao absoluto que tudo conhece sem sombra de dúvida ou equívoco. Em outras palavras, o ser para si é somente o divino.

Não é razoável, no entendimento de Gabriel Marcel, delegar ao homem o que é competência de Deus. Livre a si mesmo, sem Deus, o homem está condenado a errar em duplo sentido: quando toma o lugar de Deus, e assim supervaloriza sua condição de homem, ou quando reconhece que não é nada em relação a ele, e assim se desvaloriza até não poder mais, tal como se vê na afirmação de Nietzsche. É impensável a Gabriel Marcel deixar o homem neste lugar deletério, se for verdadeiro. Aceitando o dom divino, o homem sai de sua condição. Mas não é Deus para fazê-lo sozinho e não pode tentar a sorte sem ele. Logo, só tem um caminho... Ora, ocorre que a condição humana, para Sartre, está próxima da errância impensável a que Gabriel Marcel se refere. A diferença está em que o erro é naturalizado pela condição humana. Excetuando a concordância com Nietzsche, segundo a qual “Deus está morto”, Sartre afirma, assim como Gabriel Marcel, que ele não pode ser Deus. Sendo homem, isto é, lançado no mundo, é livre para elevar-se ou rebaixar-se, alienar-se ou ser um exemplo de engajamento ético e responsável. A dignidade humana não está garantida, ao contrário, ela está ameaçada, pois, como diz Merleau-Ponty, no final da *“Fenomenologia da percepção”*, ao citar uma passagem de Saint Exupéry em *“O piloto de guerra”*, nunca coincidimos com o homem, pois estamos sempre aquém ou além do lugar desejável:

Apenas o herói vive até o fim sua relação com os homens e com o mundo, e não convém que outro fale em seu nome. “Teu filho está preso no incêndio, tu o salvarás... Se há um obstáculo, venderias teu braço por um auxílio. Tu habitas em teu próprio ato. Teu ato é tu... Tu te transformas... Tua significação se mostra impressionante. É teu dever, tua raiva, teu amor, tua fidelidade, tua invenção... O homem é só um laço de relações, apenas as relações contam para o homem.” (MERLEAU-PONTY, 1945. p. 520)

Segundo a citação acima, o homem é sempre mais ou menos do que o homem, pois só um incêndio provoca a passagem de pai a herói, disposto a morrer pelo filho. Nove dias sobre dez, no entanto, é medíocre e mesquinho, ocupado com as irrelevâncias da contingência útil. Para Sartre, de fato, o homem está sempre procurando uma plenitude impossível de ser alcançada. Paz, só no cemitério, ou seja, quando deixar de ser para si. Mas, se o cadáver é em si, o homem existe. Ao ser para si é impossível não ser consciente de si. A consciência de si determina a

<sup>2</sup> Em termos siderais, o que é a NASA norte-americana, que levou o homem à lua, senão uma carroça tosca e metafísica? Pergunta irônica, pois se trata, simbolicamente, da nossa ultra-ciência...

presença a si, isto é, a modalidade de um ser que percebe sua existência. A presença a si é acompanhada pela diferença em relação si, pois a temporalidade e o projeto de constituição de si diferenciam o ser para si do ser em si - que não possui negatividade em seu ser, ou seja, possibilidade de não ser o que é. Ao contrário do ser para si, o ser em si é inconsciente de si e por isso idêntico a si. Ora, a identidade do ser em si é inalcançável, pois o ser para si é marcado pela impossibilidade de absorver-se a algum lugar inativo e absoluto, livre da necessidade de fazer-se. Para o homem, a categoria da ação é imanente, pois nenhuma essência prévia ou inata determina o seu ser. Ao contrário, experimenta uma insuficiência de ser procurando completar-se, isto é, ser idêntico a si como um valor essencial para o mundo. Diferente de Deus, não é essencial para o mundo. O desejo de ser essencial ou idêntico a si é um desejo fadado ao fracasso. O ser para si apresenta-se falhado. Marcado por uma irrealizável tentativa de totalidade, seu ser é acompanhado pelo desejo de ser o que não é. Em seu ser, o não ser vem a ser, isto é, a possibilidade de negar o que é a partir do desejo de ser diferente de si. O ser para si é um ser que deseja ser o que não pode ser, a saber, um ser pleno, essencial e idêntico a si.

Sartre nos apresenta uma fissura ontológica no ser para si a partir da falta de plenitude de ser. O em si, representado por todos os objetos que não possuem consciência de ser, configura-se a partir do princípio de identidade. Assim, uma pedra é sempre uma pedra. Não pode não sê-la, isto é, não possui negatividade em seu ser. Só o físico poderá atribuir suas propriedades, pois a pedra ignora-se de forma cabal e absoluta. Não possui relação com o seu interior, isto é, subjetividade, bem como não conhece a exterioridade que representa a outro ser. Seu ser está saturado e preenchido pela identidade que não lhe permite sair de si e adotar relações intencionais com o mundo. Esta total falta de consciência de si equivale ao mesmo tempo a uma ausência a si. À escuridão do ser em si se opõe a irradiação da consciência afetada pela percepção de si e pelo desejo de querer mais para si, aliado à frustração de não ser essencial ao mundo. A todo vivido falta consistência, plenitude de ser em si para si, isto é, adquirir a densidade do ser, a adequação a si, sem cair na inconsciência. É eloquente a famosa passagem de “*O ser e o nada*” em que Sartre evoca o desejo humano de ser Deus:

O homem se alimenta de um projeto fundamental: o desejo de ser em si. Todavia, não se trata do projeto de ser em si sobre a forma de um em si, mas de ser um em si que seria a si mesmo seu próprio fundamento, isto é, um em si que persiste em existir sobre o modo de um para si. Chegamos então ao ideal da realidade humana: existir sobre o modo em si para si. É o que revela o ideal de uma consciência que deseja ser o fundamento de seu ser em si graças à tomada de consciência que ela faz sobre si mesma. É este ideal que podemos nomear Deus. (Sartre, 1943, p. 653)

Deus é a ambição impossível do homem, pois apresenta a síntese de ser em si para si. Ele tem a consciência de ser e ao mesmo tempo é o que quer ser, sem desejo ou falta. Deus é

integralmente em si e para si, pois adquire identidade e adequação ao ser, cujo benefício é o em si, sem cair na inconsciência de si, ou seja, sem alienar a liberdade de ser para si. Deus é, assim, o ideal criado à imagem e semelhança do homem, pois representa a plenitude do ser. Essa é a conclusão de Philippe Cabestan. No ensaio “*La mort de Dieu. Sartre versus Heidegger*”, afirma:

Em o *Ser e o nada*, depois de ter estabelecido que o para si é falta e que esta falta tem por objeto a impossível síntese do em si para si, Sartre declara: “Ninguém nos reprova de inventar a bel-prazer um ser deste naipe, pois quando, por um movimento ulterior da meditação, tal totalidade tem seu ser e a ausência absoluta hipostasiadas como transcendência para além deste mundo, esta transcendência recebe o nome de Deus”. (CABESTAN, 2020, p. 4)

Que se note, na citação, o sentido do verbo hipostasiar: atribuir falsamente realidade a algo fictício, a saber, a hipótese de haver fora do tempo um lugar em que todos estarão confortados, abrigados na plenitude eterna de Deus. A pacificação do homem fora do tempo e do mundo não tem sentido, pois representa uma inelutável transferência de responsabilidade.

Tal idéia de Deus, fora do tempo e da ação, não faz jus ao Deus de Abraão que, como prova de sua confiança, aceitou o sacrifício de Isaque, seu único filho. Não se trata de ações concretas, tomadas no campo existencial. Não se trata da prática de valores (que poderíamos chamar de valores cristãos). Não se trata, menos ainda, da mística cristã, mas do Deus dos filósofos, tais como Descartes, Tomás de Aquino ou Anselmo, para os quais a existência de Deus pode ser verificada por princípios lógicos da razão, tal como acontece com o argumento ontológico: “Deus é o ser maior do que o qual nada pode ser pensado”<sup>3</sup>. Este Deus é deduzido ou pensado, mais do que vivido ou contemplado. Em outras palavras, não se trata de uma fenomenologia da experiência religiosa, mas de uma alternativa posta pelo pensamento que postula os limites do ser. É por isso que, para Philippe Cabestan (2020, p. 4), “Sartre propõe uma descrição eidética de Deus”. Mais perto do mito de Prometeu, trata-se de roubar para o homem o fogo sagrado, fazendo-o responsável por suas escolhas. Mais ainda: a eternidade de Deus só é pensada a partir da historicidade do homem, que fixou em sua imaginação a presença do ausente.

Nos “*Cadernos para uma moral*”, Sartre afirma: “Deus é o homem inautêntico, lançado na vã tarefa de se fundar e que não pode se criar porque já existe”. (SARTRE, 1983, p. 535 in CABESTAN, 2020, p. 4) Sartre inverte o sentido da expressão “*Ens causa sui*”. O sentido desta inversão está em que não é Deus o causador de si, pois representa a forma inautêntica de fundação de um ser que não tem fundamento. A conclusão só pode ser uma: a asseidade (conceito formado a partir da expressão “*ens a se*”) não pertence a Deus, mas ao ser da

<sup>3</sup> “Aliquid quo nihil majus cogitare possit”. A afirmação se encontra na obra “Proslogion”, de Santo Anselmo. Kant a denominou de argumento ontológico.

consciência que é seu próprio nada ou vazio de ser. A existência do homem é injustificada, portanto, ao cogitar a possibilidade de relação entre criador e criatura, o homem é o criador e Deus, criatura.

Em “*O existencialismo é um humanismo*”, Sartre afirma:

O existencialismo não é apenas um esforço para tirar todas as conseqüências de uma posição ateia coerente. Não é tanto um ateísmo que se esforçaria para demonstrar que Deus não existe. Ele antes declara que, mesmo se Deus existisse, nada mudaria. Não porque acreditamos que ele exista, mas porque o problema não é sua existência. É preciso que o homem se encontre e se persuada de que nada pode salvá-lo de si mesmo, nem mesmo uma prova válida da existência de Deus. (SARTRE, 1970, p. 95)

Para Sartre, existência de Deus não move um milímetro a responsabilidade do homem em relação ao drama da existência. Trata-se de olhar o homem diretamente, sem mediação. Deus é uma alternativa de evasão ou de fuga da realidade sempre que legitimar a inércia, o determinismo, a crença no providencialismo, entre outros expedientes que alienam a responsabilidade do homem em relação a si, aos outros e à natureza. É neste sentido que o ateísmo é um humanismo, pois deixa o homem só, sem desculpas diante da responsabilidade de fazer-se.

Conclui-se disso que o ateísmo cumpre uma função metodológica no pensamento de Sartre, pois é preciso deixar o homem livre e indeterminado em seu ser. Ao contrário dos pensadores positivistas, Deus não é a expressão de um período do passado ou um equívoco no curso da história. Ele é a síntese impossível, a contradição nos termos de uma liberdade predeterminada a fazer necessariamente o que faz sem estar no tempo e sem estar-no-mundo. Ao contrário, ateísmo de Sartre recomenda o homem concreto, pois a dimensão existencial não pode ser desconsiderada. A condição de ser-no-mundo dá ao homem sua única chance, que é agir de forma consciente. Por isso, a opção do ateísmo está ligada às descrições da estrutura intencional da consciência que revelam o vazio ontológico do ser para si e é acompanhada pelo engajamento concreto no mundo e no tempo presente. Existir, ser consciente, ser livre, na analítica existencial de “*O ser e o nada*”, é angustiar-se, desejar, fracassar. O fracasso não é motivo de inércia, mas, de resiliência, pois o sentimento de falta ou de insatisfação gera movimento, tentativa de reparação e de superação de si.

É exatamente o que acontece com Antoine Roquentin no romance “*A náusea*”. A náusea que ele experimenta não é senão o sentimento de um mundo contingente e sem amparo. Depois de ter feito a descoberta fundamental da náusea, ele diz:

O essencial é a contingência. Eu quero dizer que, por definição, a existência não é a necessidade. Existir é simplesmente estar presente (...). Creio que há pessoas que compreenderam isso. Só que tentaram superar essa contingência inventando um ser necessário e causa de si. Ora, nenhum ser necessário pode explicar a existência: a contingência não é uma ilusão, uma aparência que se pode dissipar; é o absoluto, por conseguinte, a gratuidade



perfeita. Tudo é gratuito: esse jardim, essa cidade, eu mesmo. (SARTRE, 1938, p.187)

A gratuidade da existência do ser para si é uma condição de suspensão das teses que visam a forma do absoluto e, ao mesmo tempo, a imersão na contingência onde “todo ente nasce sem razão, se prolonga por fraqueza e morre por acaso”. (SARTRE, 1938, p.190)

**REFERÊNCIAS :**

CABESTAN, Philippe. **La mort de Dieu. Sartre versus Heidegger**. Revista Alter, Novembro de 2020. DOI : <https://doi.org/10.4000/alter.1991>

LEOPOLDO E SILVA, Franklin. **Ética e literatura em Sartre**. São Paulo: Edusp, 2004.

MARCEL, Gabriel. **Les hommes contre l'humain**. Éditions du Vieux Colombier, 1951.

MARCEL, Gabriel. **Os homens contra o humano**. Prefácio de Paul Ricoeur. Tradução de Claudinei Aparecido de Freitas da Silva. Toledo: EDUNIOESTE, 2023.

MARTIN, Frédéric. **Les mots latins groupés par familles étymologiques** - D'après le "Dictionnaire étymologique de la langue latine" de M. Ernout et Meillet. Paris: Hachette, 1976.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Phénoménologie de la perception**. Paris: Gallimard, 1945.

NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral**. In: Obras incompletas. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. 3ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

SARTRE, Jean-Paul. **Cahiers pour une morale**. Paris : Gallimard, 1993.

SARTRE, Jean-Paul. **La nausée**. Paris : Gallimard, 1938.

SARTRE, Jean-Paul. **L'existentialisme est un humanisme**. Paris : Ed. Nagel, 1970.

SARTRE, Jean-Paul. **L'être et le néant**. Essai d'ontologie phénoménologique. Paris: Gallimard, 1943.